

RE-SIGNIFICAÇÃO CULTURAL: AS FESTAS TRADICIONAIS NA CIDADE DE CARAGUATATUBA

Claudilene Macedo da Costa Gigliotti¹, Moniça Franchi Carniello², Moacir José dos Santos³

^{1,2,3} Universidade de Taubaté/Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional, Rua Expedicionário Ernesto Pereira, 225. Taubaté – SP, Brasil. E-mail: lene_historia@yahoo.com.br

Resumo- O advento da urbanização turística desencadeou uma série de fatores que culminaram com o enfraquecimento e até mesmo o desaparecimento de algumas manifestações da cultura caiçara no litoral norte do Estado de São Paulo. O artigo tem como objetivo analisar as transformações da manifestação da cultura popular identificada como congada de Caraguatatuba ocorridas a partir da intensificação da atividade turística na região. Esta pesquisa é caracterizada como exploratório-descritiva, de abordagem qualitativa, com delineamento bibliográfico. A Congada de Caraguatatuba deixou de ser realizada a partir da intensificação do turismo na região, assim como ocorreu com outras manifestações populares do município, visto que os caiçaras se dissiparam, integrando-se em sua maioria como força de trabalho da atividade turística. Para gerar atratividade ao turista, outras festividades foram incorporadas ao calendário do município, caracterizando-se como tradições inventadas.

Palavras-chave: Cultura popular. Turismo. Congada.

Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas

Introdução

Há muito alguns pesquisadores afirmam que a partir da década de 1950 o Litoral Norte do Estado de São Paulo sofreu grande impacto (DIEGUES, 2004) não só em sua estrutura urbana e ambiental, como também e principalmente em sua estrutura cultural. O advento da urbanização turística desencadeou uma série de fatores que culminaram com o enfraquecimento e até mesmo o desaparecimento de algumas manifestações da cultura caiçara.

A abertura de estradas, a especulação imobiliária, as igrejas evangélicas e até mesmo a criação de reservas ambientais de preservação permanente influenciaram diretamente no modo de vida caiçara. Seu território que por um tempo se manteve isolado e protegido por barreiras naturais (a serra e o mar) acabou sendo transposto e transformado (DIEGUES, 2004).

Na cidade de Caraguatatuba as conseqüências para a cultura foram ainda maiores. Várias manifestações culturais resistentes nesse período desapareceram. A Congada de Caraguatatuba é um exemplo que ilustra bem este cenário. Com registros que datavam sua existência no final do século XIX, ela pode ser considerada dentro do contexto histórico da cidade, a mais importante de suas manifestações (CAMPOS, 2000). Sua decadência já parecia clara no discurso de Lima (1981) quando esteve de passagem na cidade para

registrar as danças dramáticas no Litoral Norte no início da década de 1960.

Após a catástrofe ocorrida sete anos depois, a qual destruiu grande parte da cidade, as estruturas econômicas, físicas e sociais ficaram abaladas, o que, por conseguinte fez com que a cidade demorasse algumas décadas para se recuperar. Em meados dos anos de 1990 o município começa a repensar o turismo e essa tendência fez com que este expandisse seu calendário turístico e proporcionasse outro tipo de entretenimento: o cultural. Festas surgiram como uma alternativa em prol de um turismo fora de época, oferecendo aos seus consumidores a oportunidade de estreitar o contato com a culinária e costume do caiçara, ao mesmo tempo em que a cidade aquecia sua economia.

De um modo geral, uma das tendências da urbanização turística, além da transformação do local em um atrativo para o turismo, é a de também proporcionar entretenimento, seja ele com a construção de infra-estruturas temáticas, como parques, ou mesmo a criação de festas que remetem a memória de eventos passados, costumes, tradições de algo que as pessoas, na modernidade, pouco contato tem. (LUCHIARI, 1998)

Esse trabalho tem como objetivo analisar as transformações da manifestação da cultura popular identificada como congada de Caraguatatuba ocorridas a partir da intensificação da atividade turística na região.

Metodologia

Esta pesquisa é caracterizada como exploratório-descritiva, de abordagem qualitativa, com delineamento bibliográfico.

Resultados

A Congada é uma dança dramática cuja origem tem diversas explicações. Apesar das controvérsias a cerca de seu surgimento, que permeiam as hipóteses de serem expressões da cultura africana sem influência européia (ANDRADE, 1935) e com influência Hibérica (RAMOS, 1954), essa dança dramática já era citada em estudos na região do estado mineiro em 1711 por André João Antonil (RAMOS, 2010 apud MARTINS, 1998). De certo modo o que se pode observar em alguns trechos dos versos que compõem as Congadas é a referência a santos católicos como Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

A Congada de Caraguatatuba data do final do século XIX. Realizada em devoção a São Benedito, o santo dos negros e da fartura, essa dança dramática iniciou suas apresentações nas festas religiosas da cidade. De acordo com Campos (2000), dentre as diversas danças e folguedos, realizadas em Caraguatatuba, a Congada de São Benedito foi uma manifestação de grande valor cultural para cidade, pois se tratava de uma festa de caráter estritamente popular, ou seja, desde a confecção das roupas e dos instrumentos até a organização dos ensaios eram os próprios participantes quem determinavam todos os detalhes.

Pelo depoimento dos moradores antigos cedido ao APMC (Arquivo Público Municipal de Caraguatatuba) (2000) percebemos o quanto muitos deles se identificavam com essa manifestação e o tinham como parte de sua cultura. A maioria, quando perguntada sobre as festas populares mencionava a Congada de São Benedito e a satisfação que sentiam ao vê-la se apresentar. Um antigo membro da Congada, o senhor Leopoldo Ferreira Lousada, conta que após a construção da estrada que ligava São José dos Campos a Caraguatatuba em 1939 - anterior a rodovia dos Tamoios- as pessoas vinham de outras localidades em maior número para vê-los dançar. (APMC-DOAP, 2000)

De fato o número de turistas que passaram a freqüentar a cidade crescia constantemente ao ponto de uma pesquisa realizada pelo DEER (Departamento de Estradas e Rodagem) em 1951 apresentar um número de veículos de passeios que já excedia os de

veículos de carga (CAMPOS, 2000). O depoimento de Suzana Perrenoud, que assim como o do senhor Leopoldo faz parte do acervo histórico da cidade, ilustra bem o sentimento do turista ao entrar em contato com a cultura do caçara. Ela relata que ficou impressionada com as belezas naturais, os aspectos físicos e com a Congada, que se apresentava nas festividades do centésimo aniversário da cidade em 1957. (APMC-DOAP, 2000)

No mesmo ano, mas dois meses depois, Maynard de Araújo observa que a festa de São Benedito havia sido como ele mesmo definiu: "pomposa" (DIEGUES, 2006 apud ARAÚJO, 1964). Isso prova que no ano de 1957 a Congada ainda se mostrava resistente as influências exógenas a qual estava exposta, e participante ainda ativa da vida cultural local ao realizar apresentações não só na tradicional festa de São Benedito, como também na comemoração do aniversário da cidade.

Ao se tornar Instância Balneária em 1939, Caraguatatuba intensifica o seu fluxo turístico e passa a sofrer transformações em seu território, que por sua vez modificado, reflete também nos costumes e tradições locais. Como definiu Kilza Setti (DIEGUES, 2006) a partir dos anos de 1960 a atuação do caçara na agricultura (subsistência) e na pesca foi enfraquecendo devido à inserção de novas leis de terra, especulação imobiliária, e o próprio turismo acima mencionado. Ao observar outro trecho do depoimento do senhor Leopoldo Lousada, este se recorda do período quando as pessoas não vinham comprar seus terrenos e sim se apossar, porque naquele tempo ninguém comprava, tomava posse. Assim, os caçaras sem escrituras que certificassem sua posse, perderam espaço para o movimento do turismo urbanístico.

A Congada de Caraguatatuba não resistiria por muito tempo. Com a cidade em crescimento, as oportunidades de se obter uma qualidade de vida melhor fora da pesca foram desviando o caçara para o trabalho vinculado ao turismo. Sem tempo hábil para se dedicar as tradições, os membros da Congada dispersaram, ora por conta do trabalho, ora por conta da idade avançada, problemas de saúde e até mesmo falecimento. Em 1959, Rossini Tavares de Lima (1981) pôde constatar que a Congada já havia se dissipado.

De passagem pela cidade para o registro de algumas danças dramáticas, Rossini procurou pelos membros do grupo e conseguiu reunir cerca de dez participantes para que fosse realizada uma apresentação. De acordo com ele, o integrante Benedito Germano Ferreira recebeu investimento financeiro para a confecção de indumentárias e acessórios, mas que talvez não

tivesse realmente sido utilizado para a tal finalidade e sim para usufruto do próprio homem.

No dia da gravação os participantes usavam roupas sem muitos adereços e cores, alguns estavam descalços, entre outras observações feitas pela equipe. Aliás, apesar de a Congada naquele momento não estar mais ativa, as observações feitas pela equipe na época também não deveriam ser consideradas integralmente pelo fato de que a apresentação não foi espontânea e sim montada para a ocasião, o que foge do contexto do dia da festa.

Diante de tantas influências, e sem uma política de manutenção da cultura, a tradição da dança não foi passada para as gerações futuras. Não havia essa preocupação anteriormente por conta do fato de que havia o interesse dos moradores em participar desse ritual sem que se precisasse conscientizá-los. Havia uma transmissão dessa tradição. No que se refere a BURKE (2000) apud HAWBACKS (1950), a memória social é transmitida por seus cinco pilares que envolvem tradições orais, memórias e relatos escritos, imagens, transmissão de aptidões e o espaço, fatores os quais colaboravam para que a continuação dessa manifestação não fosse prejudicada. É o que ressalva Bosi (1987) ao dizer que o que alimenta e reforça as manifestações culturais é justamente o valor que a memória tem.

De uma maneira geral as manifestações culturais na cidade seguiram o destino da Congada de Caraguatatuba. Outras danças como Moçambique, Folia de Reis e a Farra do Boi findaram-se até a década de 1980 por motivos econômicos, sociais, políticos e religiosos. Desse período em diante o turismo de massa que teve início na década de 1950 começa a se intensificar e se torna depois da década de 1970 umas das principais bases da economia do município.

A partir da década de 1990 o calendário do município passa a apresentar festas, principalmente relacionadas aos costumes e tradições caiçaras (como a culinária) no período de baixa temporada na intenção de tornar a cidade turisticamente atrativa não só nos meses de verão, como também nos demais meses do ano. Esse tipo de propósito para o município é viável não só pela questão do capital como também por representar um dos únicos referenciais de cultura caiçara para os moradores e visitantes.

A grande questão permeia em como e para quem estas festas são elaboradas, afinal são festas “inventadas”, que não faziam parte do antigo calendário festivo do lugar e nem eram produzidas pelos moradores. Portanto, “o turismo reinventa e cria novas funções, recupera antigas práticas e bens culturais através do folclore, e monta atrações turísticas para a região” (LUCHIARI, 1998, p.01), que nem sempre são

incorporadas pelo grupo. Discutiremos melhor o assunto no próximo capítulo.

Discussão

Atualmente a maioria das festas tidas como “tradicional”, não são na verdade tão recente quanto se imagina. A “tradição inventada”, termo utilizado por Hobsbawn para se referir as tradições criadas, tem um sentido bem amplo, mas que pode ser definido como:

Um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente uma continuidade com relação ao passado. (HOBBSAWN, 1984, p.09)

Algumas das festas “inventadas” em Caraguatatuba foram impulsionadas pela tendência que as cidades, degradadas pelo turismo massificado, tiveram na intenção de regenerar seus municípios. “A valorização dessas regiões, a inovação cultural e a melhoria física do meio ambiente urbano, atrações para consumo e entretenimento se tornaram facetas proeminentes das estratégias para regeneração urbana” (HARVEY, 2006, p.145).

Para Zaoual (2008,p.03)., o turismo de massa desencadeia uma problemática a tempos estudada que sugere que “a exploração sem limite da natureza e da cultura, impulsiona irremediavelmente um esgotamento e, conseqüentemente, uma repulsa da demanda, logo, de investimentos”. Deste modo, o contexto de criação de festas que a cidade de Caraguatatuba incorporou foi uma alternativa para implementar o turismo e tornar o local ponto atrativo para o capital.

Apesar de alguns pontos de controvérsia, o turismo foi sim importante para que a cidade se reestruturasse após a catástrofe de 1967, quando uma tromba d'água atingiu o local, destruindo o quase que por completo. Por outro lado, a questão da preservação ambiental, não muito considerada a princípio, fez com que Caraguatatuba se tornasse dentre as quatro cidades do Litoral Norte, a menos preservada e mais urbanizada. Partindo dessa premissa a cidade se vê no papel de criar um ambiente que fosse mais atrativo para o turista e que minimizasse a concorrência que as outras cidades ofereciam. Segundo Harvey (1994) essa era uma tendência causada pela globalização que definiu um mundo sem fronteiras e de acesso livre a informação, o que no contexto turístico

contribuiu para a formação de um turista mais exigente no que consome.

Em Caraguatatuba não foi diferente. Apresentadas como uma festa tradicional, elas na verdade estão mais próximas do contexto moderno de festas que Morin (1967) especificou no qual um momento especial, de participação de todos os atores sociais, se torna um espetáculo. Uma festa em que num contexto mais antigo aconteceria a parte da vida cotidiana acaba perdendo seu caráter de cerimônia, é incorporada ao cotidiano e absorvida de maneira contrária.

Uma das críticas levantadas a respeito dessa “produção de lazer” incentivado pelo turismo é o fato de ela não atingir as comunidades locais, que muitas vezes executam seu papel na festa, mas não se sentem parte integrante do evento. Luchiari definiu bem essa questão quando escreveu que “o turismo pode reproduzir a natureza, a cultura e a autenticidade de práticas sociais. Mas o que dá sentido ao consumo destes simulacros é a subjetividade do indivíduo e dos grupos sociais que passam a valorizar a própria reprodução” (1998, p.03).

O Turismo Cultural, uma das vertentes do turismo, comumente se utiliza da cultura-produto para desenvolver atividades turísticas de cunho não só econômico, como social, além de trabalhar para o fortalecimento da identidade de uma região e manutenção de suas manifestações. (TOMAZZONI, 2008). Assim, o Plano Diretor da cidade de Caraguatatuba, atualmente revisado devido o crescimento urbano que a cidade deve sofrer nos próximos anos com a instalação da base de gás (UTGCA), apresenta nos artigos destinados a cultura o interesse em desenvolver a questão social com a inclusão cultural da população de baixa renda, desenvolver a política cultural voltada para a inclusão social e promover o aperfeiçoamento e valorização dos profissionais ligados a cultura.

Diversificar o turismo como já evidenciamos é importante, porém, o grande desafio é transformar esse tipo de evento, principalmente as festas culturais, em algo tangível para seus próprios atores. É o que Tomazzoni também afirma quando sucinta que:

As identidades culturais se transformam para satisfazer as necessidades do turismo como atividade de lazer cultural. Os segmentos que produzem os atrativos, ou que servem de atrativo, seriam as comunidades, que, em razão do turismo cultural, passariam a participar dos benefícios proporcionados pelo setor, como meio de valorização, tanto subjetivo-emocional, quanto econômica das manifestações, costumes, peculiaridades, hábitos e tradições. É necessário, entretanto, que haja uma gestão adequada da relação turismo-cultura a fim de satisfazer essa

expectativa e não frustrar os defensores do turismo cultural, como estratégia de desenvolvimento humano e socioeconômico. (2008, p.05)

Portanto, o planejamento desse turismo merece cuidado para que os resultados sejam bem sucedidos e o objetivo, o qual os governantes se propõem atingir, seja alcançado. Se a cidade conseguir atingir o nível de turismo que ela pretende fomentar, as estruturas culturais não serão capazes de suportar tamanha mudança. No artigo destinado ao turismo, o mesmo plano diretor revela a tendência a um turismo diversificado, como também a intenção de se tornar uma referência de turismo de negócios na região. Nele estão contidos alguns critérios que demonstram a preocupação da cidade em desenvolver as atividades turísticas em harmonia com a conservação e o uso sustentável dos bens históricos, culturais e naturais, diversificar os segmentos do turismo e atrair capital permanente para a cidade.

O lazer em Caraguatatuba é geralmente elaborado para o turista. A cultura caiçara é apenas um “pretexto” para que os eventos sejam realizados e o caráter popular acaba sendo visto como o que vende o que agrada as multidões e não o que é realizado pelo povo. Para a indústria cultural o que vale é o popular enquanto algo que possui popularidade (CATENACCI, 2001). O verdadeiro enfoque que a festa deveria ter que é o de agregar aos pratos consumidos o valor de todo o processo pelo qual ele passou - desde a chegada dos peixes, que foram trazidos por pescadores até as receitas que são passadas de geração para geração há anos - passa despercebido. “Nenhuma cultura tradicional hoje existe em estado puro”(DIEGUES,2004,p.40) e seria hipocrisia pensarmos em pleno século XXI em realizarmos um festejo aos moldes de nossos antepassados como na primeira metade do século passado.

Evidente que a busca pelo tradicional atualmente desempenha a função de relembrar uma época passada, mas “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”.(BOSI,1981,p.55).Todavia esse ambiente, que não é fácil de se construir, deveria funcionar também como ponto de fortalecimento da identidade caiçara, uma referência para as gerações futuras, como um espelho, que reflete suas imagens e os fazem ter consciência daquilo que eles realizam(CLAVAL,1994,p.11).

Referente ao Plano Diretor da cidade espera-se que a população de baixa renda a qual o governo municipal pretende incluir culturalmente, não seja apenas na intenção de angariar mão de

obra para o trabalho na festa, mas sim de fazê-los parte integrante do fazer da festa, os atores principais e que o ambiente proposto pelo festejo não seja apenas para alguns dias, e sim que seja trabalhado em forma de oficinas culturais para a transmissão da culinária, da confecção da canoa, da rede, assim como já são trabalhadas algumas danças dramáticas.

Astorino (2006) comenta a questão da inserção do caiçara no mercado de trabalho relacionado ao turismo na cidade de Ilhabela. Nele ela atenta que o caiçara da Ilha não é empregado com todos os rigores da lei e dificilmente ocupa boas posições no trabalho, quando ainda recebe uma oportunidade. Diferente dos moradores da Ilha de Saint Andrés na Colômbia, cujo governo desenvolveu uma lei que assegura a capacitação e a inserção dos moradores no mercado de trabalho. Ou seja, os moradores de Saint Andrés participam do turismo local não só economicamente, como também na produção, diferente do que ocorre no município estudado.

Conclusão

A tradição inventada, aparente em algumas cidades caiçaras, trouxe à tona reflexões de cunho importante, principalmente no que diz respeito à sua real objetividade. Na cidade de Caraguatatuba, por exemplo, o contexto de criação de festas foi por um lado necessário como um referencial para as futuras gerações, mas fugiram do propósito de fortalecer a identidade local.

Nas festas de antigamente, quando a Congada de Caraguatatuba costumava se apresentar, todo o “fazer” da festa era feito pelos próprios participantes. Era uma festa para eles, em devoção a São Benedito e que atraiu a atenção de visitantes na época justamente por seu caráter de cultura popular tradicional, em outras palavras, era o fator identidade que “se constrói dentro de um mecanismo que engloba a consciência de si mesmo e o reconhecimento do outro”. (BETTIO, 2000).

A cultura caiçara na cidade já está em decadência. A cultura vinda do povo, feita pelo povo, já não mais se vê com facilidade. Há a nítida necessidade de se trabalhar a identidade cultural o quanto antes, pois a cidade está crescendo com rapidez e logo a cultura local terá que dividir seu território com um turismo diversificado. Se num determinado momento, por falta de uma política local de preservação do patrimônio imaterial, nossas manifestações se perderam no tempo, agora, com todos os recursos necessários, as festas deveriam ser pensadas como fontes de fortalecimento da identidade cultural caiçara,

principalmente no que concerne trabalhar essa identificação para o futuro.

Referências

ASTORINO, C.M. A falta de oportunidades de inserção para os caiçaras e seus descendentes na atividade turística: o caso de Ilhabela. Disponível em:

<<http://www.usp.br/nupaub/artigos.html>>. Acesso em: 22jun.2011, 22:30, 2006.

BETTIO, V.M.S. Movimento Brasileiro: crítica e nacionalismo no Modernismo. Porto Alegre: PUCRS, 2000.

BOSI, A. Cultura Brasileira: temas e situações. São Paulo: Ática, 1987.

BOSI, E. Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

BURKE, P. Variedades de História Cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CLAVAL, P. Território: a apropriação coletiva do espaço por um grupo. Geographies et Cultures. Paris: L'Harmattan. n.º 20. inverno, 1996.

CAMPOS, J.F. Santo Antônio de Caraguatatuba: Memória e Tradições de um Povo. Caraguatatuba: FUNDACC, 2000.

DIEGUES, A.C. Enciclopédia Caiçara volume I. São Paulo: Hucitec, 2004.

HARVEY, D. Espaços Urbanos na “Aldeia Global”: Reflexões sobre a condição urbana no capitalismo no final do século XX. Caderno de Arquitetura e Urbanismo, Belo Horizonte-PUC-MG, v.º 1, p. 1-12, ago 1994.

_____. A produção capitalista do espaço. São Paulo: Anablume, 2006

HOBBSAWN, E.; RANGER, T. A Invenção das Tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 9-23.

LIMA, R.T.O Folclore do Litoral Norte de São Paulo. Rio de Janeiro: MEC-SEAC-FUNARTE. Instituto Nacional do Folclore, São Paulo: Secretaria do Estado da Cultura: Universidade de Taubaté, 1981.

MORIN, E. Cultura de Massas no século XX. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

TOMAZZONI, E.L. Dimensão Cultural do Turismo: uma proposta de análise. Revista de

XVINIC

Encontro Latino Americano
de Iniciação Científica

XI EPG

Encontro Latino Americano
de Pós Graduação

VINIC Jr

Encontro Latino Americano
de Iniciação Científica Júnior

História e Estudos Sociais. Disponível em: <www.revistafenix.pro.br>. Acesso em 22 jun. 2001, 23:05, v. 5, n.º 5, p. 1-17, jul, ago, set, 2008.

ZAOUAL, H. Do Turismo de massa ao turismo situado: quais as transições. Caderno Virtual de Turismo. v. 8, n.º 2, 2008.